

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



ANA CLARA CARMO SAMPAIO
SÉRGIO VELOSO (ORIENTADOR)

Instrumentarianismo e totalitarismo

Ficção e não-ficção

Rio de Janeiro

2021/1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



ANA CLARA CARMO SAMPAIO
SÉRGIO VELOSO (ORIENTADOR)

[TÍTULO]

[SUBTÍTULO]

Artigo Científico apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Rio de Janeiro

2021/1

Resumo

O totalitarismo foi um sistema político que assombrou as mentes das pessoas nas democracias liberais durante o século XX. Contudo, o neoliberalismo adotado e defendido nestas possibilitou o surgimento de uma nova forma de poder, o instrumentarianismo, com potencial tão disruptivo e invasivo quanto o totalitarismo. Neste artigo, irei contrastar estas duas formas de poder com duas obras de ficção que representam seu caráter para então extrair os aspectos não-fictícios de cada.

PALAVRAS-CHAVE: *capitalismo de vigilância, neoliberalismo, instrumentarianismo, vigilância*

Abstract

Totalitarianism was a political system that haunted people's minds in liberal democracies during the 20th century. However, the neoliberalism adopted and defended by them has allowed the emergence of a new form of power, called instrumentarianism, with a potential as disruptive and invasive as totalitarianism. In this article, I will contrast these two forms of power with two works of fiction that represent their character and then extract the nonfiction aspects of each.

KEYWORDS: *surveillance capitalism, neoliberalism, instrumentarianism, surveillance*

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------------------------------|
| Resumo | 3 |
| Abstract..... | 3 |
| 1. Introdução | 5 |
| 2. Duas espécies de poder | 6 |
| 2.1. Totalitarismo..... | 7 |
| 2.2. Instrumentarianismo | 8 |
| 3. 1984 e Westworld | 13 |
| 3.1. O Grande Irmão de “1984” | 14 |
| 3.2. O Grande Outro e a Ficção-Científica | 15 |
| 4. O caráter não-ficcional | 19 |
| 5. Conclusões | Erro! Indicador não definido. |
| 6. Bibliografia..... | 22 |

1. Introdução

O tema de vigilância não é novidade para nossos ouvidos. Há décadas esta preocupação permeia a mente das pessoas, especialmente em democracias. Tal medo foi fortemente abarcado durante a Guerra Fria, por conta do autoritarismo soviético, e nazifascista durante a Segunda Guerra Mundial. Um exemplo claro, e talvez o mais famoso, é o livro “1984”, de George Orwell. Enquanto Orwell descreve, em 1949, um Estado autoritário que inibe as liberdades através da vigilância possibilitada pelo monopólio tecnológico, hoje podemos observar uma vigilância tão constrangedora e invasiva por parte do setor privado. Grandes empresas detêm imensas quantidades de dados sobre seus usuários para alimentar um sistema de engenharia comportamental, e vendem estes dados e estratégias de comportamentos sem o consentimento de seus donos.

Enquanto casos como os descritos por Edward Snowden¹ em 2013 iluminam os aparatos tecnológicos de vigilância estatal, acontecimentos como o caso da empresa de mineração de dados e propaganda política Cambridge Analytica² explicitam a capacidade que empresas privadas têm de manipular resultados de processos democráticos. Enquanto Orwell descrevia o poder totalitário do Big Brother, cujo objetivo era controlar a alma das pessoas através de um controle rigoroso sobre a privacidade e uso de violência, isto não é o que descreve a intenção dos capitalistas da vigilância, que através da acumulação de dados como uma espécie de commodity, controlam a divisão de conhecimento sobre estas operações e os meios de modificação comportamental para alimentar um mercado de certeza total.

É comum vermos a comparação entre estes casos citados com o romance “1984”, no entanto, não podemos equiparar o estado vigilante e totalitário com o capitalismo de vigilância, uma vez que este não busca lealdade absoluta das massas por um processo de repressão violenta e terrorismo estatal; o instrumentarismo busca esconder os processos por trás do capitalismo de vigilância, causando indiferença na população e uma extrema dependência nos aparatos que fornece. Com base no livro “The age of surveillance capitalismo: the fight for a human future

¹ (GREENWALD; EWEN MACASKILL; POITRAS, 2013)

² (CADWALLADR, 2018)

at the new frontier of power”, de Shoshana Zuboff, este artigo irá dialogar estas duas formas de poder.

2. Duas espécies de poder

O totalitarismo é uma forma de governo caracterizada pela ausência de liberdades individuais e a submissão total de todos os aspectos da vida à autoridade do Estado. Um regime totalitário, como os de Adolf Hitler, Benito Mussolini, e Joseph Stalin, possuíam uma estrutura unipartidária, de submissão das massas à ideologia deste partido único, como uma espécie de religião política. Neste contexto do século XX, o neoliberalismo surge como um antagonismo radical ao totalitarismo, com ideais de total liberdade comercial e o mínimo de intervenção estatal possível. No entanto, o neoliberalismo em sua forma mais radical proporciona o surgimento de uma forma de poder com potencial tão disruptivo para as liberdades individuais e às instituições democráticas quanto o seu antagonista histórico, mas de uma fonte de autoridade privada, comercial, e não estatal: o instrumentalismo.

Instrumentalismo é o nome dado por Zuboff para esta forma de poder de bases neoliberais, que busca submeter todas as esferas de interação humana a um mercado de certeza total, influenciando nosso comportamento para fins mercadológicos através de previsões e estratégias geradas através de um sistema complexo de algoritmos alimentados por dados pessoais. Em “Origens do totalitarismo” (1949), Hannah Arendt descreve o totalitarismo como um tipo de governo sem precedentes; da mesma forma, Zuboff ressalta o caráter inédito do poder instrumental que, da mesma forma que o totalitarismo, se torna a “maldição deste século” por ter criado soluções para seus problemas.

“Surveillance capitalism offers solutions to individuals in the form of social connection, access to information, time-saving convenience, and, too often, the illusion of support” (p. 383)

Como exemplo destas soluções do capitalismo de vigilância temos as redes sociais, como o Facebook e suas redes afluentes como o Instagram e WhatsApp, que

coletam experiências humanas em troca de conexão social, acesso à informação etc., e aplicativos de carona e delivery que, ao mesmo tempo que fornecem uma conveniência de economia de tempo, também criam a ilusão de estarem suprindo uma demanda de trabalho em um período de recessão econômica. Nesta seção, estas duas formas de poder serão conceitualizadas para, ao final, serem apontados os pontos de congruência entre elas.

2.1. Totalitarismo

O totalitarismo é, acima de tudo, um movimento de massas, não de uma classe ou outra, ou de uma elite política ou outra. Estas massas, Arendt argumenta, são a maior parcela da população, que foi “esquecida” pela elite política e classe dominante, e é capturada por uma ideologia de pertencimento, mas, ao mesmo tempo, total submissão. No caso de Hitler, por exemplo, sua ascensão ao poder se deu primeiramente por vias democráticas, para depois serem aplicadas medidas autoritárias, como sua autoprocamação como presidente e chanceler, unindo os dois cargos até então separados na Alemanha. Por “totalitarismo”, Hannah Arendt diz que:

“Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual.” (p. 453)

A ideologia é uma ferramenta importante do totalitarismo; com ela, junto a um aparato de violência e alimentando um sistema de doutrinação, o poder totalitário não se concentra em uma hierarquia, como em uma ditadura autoritária, porém não totalitária, mas se perpetua mesmo sem a presença física do soberano ou da máquina estatal. Segundo Arendt, “o líder totalitário é nada mais e nada menos que o funcionário das massas que dirige”. A ideologia do regime é a fonte central de mobilização das massas para se chegar ao poder. Na Alemanha, o Nazismo conseguiu convencer as massas, de que a culpa pela situação precária em que se encontrava o país no período entreguerras cabia sob grupos que iam contra um ideal fictício de “pureza racial”, assim justificando as atrocidades cometidas contra o povo judeu, os deficientes físicos e psiquiátricos, os povos romani, homossexuais etc. Na URSS, este papel de inimigo público cabia aos capitalistas, à nobreza, os

acumuladores de riquezas. Os meios de violência, e o total controle sobre estes, são utilizados pelo totalitarismo para gerar terror e, assim, submissão dos grupos mais indignados. A violência é justificada como forma de tornar possível a utopia prometida pela ideologia do grupo totalitário, que deve ser o objetivo último do partido e da sociedade como um todo. Segundo Arendt:

“O domínio totalitário, porém, visa à abolição da liberdade e até mesmo à eliminação de toda espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade.” (ARENDDT, 2012, p. 543).

O totalitarismo e o autoritarismo se distinguem em relação ao que Arendt chama de “princípio de liderança”. Em um governo autoritário ou ditadura militar, a lei suprema são as ordem do governante, segundo uma hierarquia bem estruturada em uma escala de comando, “Na linguagem dos nazistas, é o “desejo do Führer”, dinâmico e sempre em movimento — e não as suas ordens, expressão que poderia indicar uma autoridade” (p. 500). A Ditadura Militar no Brasil, por exemplo, foi um regime autoritário, repressivo, mas não tinha caráter totalitário devido ao sistema bipartidário, representado pelos partidos ARENA, o partido do governo e maioria da câmara, e MDB, que representava uma espécie de oposição tolerada. Contudo, um governo totalitário é também um regime autoritário, utilizando o aparato de violência estatal para eliminar a oposição e reprimir qualquer tipo de manifestação popular.

2.2. Instrumentarianismo

O instrumentarianismo foi o termo cunhado por Shoshana Zuboff para designar uma nova forma de poder que atua por trás do que ela também definiu como “capitalismo de vigilância”, uma forma de capitalismo distinta, onde os meios de produção servem aos meios de modificação comportamental. O instrumentarianismo constitui um aparato ubíquo de vigilância, modificação comportamental e previsões, de um “mercado de certeza total”. Este aparato é possibilitado no campo ideológico pela racionalidade neoliberal. Sendo assim, irei primeiro contextualizar e conceitualizar o neoliberalismo, para então fazer o mesmo com o capitalismo de vigilância e o instrumentarianismo.

O neoliberalismo é um termo que permite diversas aplicações. Representado por figuras como Friedrich Hayek e Milton Friedman na academia, e por Margaret Thatcher e Ronald Reagan na prática, o neoliberalismo foi também um experimento implantado no Chile pelo ditador Augusto Pinochet e os economistas conhecidos como “Chicago Boys” após o golpe de 11 de setembro de 1973 contra o presidente Salvador Allende. O neoliberalismo representa uma linha econômica crítica ao keynesianismo: enquanto um prega a mínima intervenção do Estado na economia, o outro defende que isto é necessário para criar bases resilientes a crises econômicas.

“A paradox, then. Neoliberalism is a distinctive mode of reason, of the production of subjects, a “conduct of conduct,” and a scheme of valuation.⁸ It names a historically specific economic and political reaction against Keynesianism and democratic socialism, as well as a more generalized practice of “economizing” spheres and activities heretofore governed by other tables of value.⁹ Yet in its differential instantiations across countries, regions, and sectors, in its various intersections with extant cultures and political traditions, and above all, in its convergences with and uptakes of other discourses and developments, neoliberalism takes diverse shapes and spawns diverse content and normative details, even different idioms. It is globally ubiquitous, yet disunified and nonidentical with itself in space and over time.” (BROWN, 2016, p. 21)

Wendy Brown, em seu livro “Undoing the Demos: Neoliberalism’s stealth revolution”, usa a definição de Foucault para o que é o neoliberalismo, definindo este, então, como uma “ordem de razão normativa” que busca estender uma determinada racionalidade econômica a todas as esferas de interação social e da vida humana, uma disseminação ubíqua da razão econômica onde todos os seres humanos são atores econômicos (*homo economicus*) e, além disto, reconhecidos como “capital humano”. Então, assim como Brown, aqui irei tratar o neoliberalismo como uma racionalidade que trata a todos e todas como “*homo economicus*”, ou seja, como atores “racionais” dentro da lógica econômica do *laissez-faire*, e que busca absorver todas as esferas da sociedade e da vida como um todo para dentro desta lógica de mercado.

Este racional, que tem como berço a Europa no pós-Segunda Guerra como uma reação ao totalitarismo e ao coletivismo da URSS, adquiriu uma forma radical de rejeição ao Estado de modo geral. Mas da mesma forma que o totalitarismo requer uma submissão das mentes e das almas à sua ideologia central e obediência incondicional à liderança central, Hayek propõe uma “ordem estendida”, em que todo indivíduo e grupo deve se submeter à disciplina invisível do livre-mercado. O pensamento neoliberal e seus defensores se espalharam por instituições de ensino, na política, na mídia, e nas instituições e foros internacionais como o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), e foi aos poucos pressionando sua racionalidade ao redor do mundo e nas mais diversas realidades até se transformar em senso comum³.

O modo de produção capitalista é caracterizado pelo princípio de acumulação, seja de terras, commodities ou capital. Todas as esferas da vida, pública ou privada, constituem um possível mercado com capacidade de produzir excedente, ou seja, lucro. O papel do Estado deve ser mínimo pois, para o neoliberalismo, a liberdade humana está atrelada à liberdade comercial. Para David Harvey, o capitalismo exige um ajuste espacial (spacial fix) para se instalar, e a internet foi um espaço muito fácil para este ajuste. Até os anos 1990, a internet era um espaço elitizado e restrito, utilizado em universidades e agências de segurança estatal. Quando a internet chegou às casas das pessoas, foi percebida como algo para democratizar o acesso à informação e aos meios de comunicação, mas logo foi percebido pelos pioneiros do capitalismo de vigilância que estas montanhas de informação logo poderiam ser usadas para fins comerciais. Quando a Google, e logo depois o Facebook, descobriu que seus usuários produziam uma imensa quantidade de dados, conseguiram criar um modelo de mercado onde não apenas se sabe tudo sobre nós, mas onde também é possível moldar nosso comportamento. Harvey argumenta que o capitalismo se apropria dos espaços físicos, absorvendo todos para dentro de sua lógica de acumulação de capital. Porém, o espaço cibernético, onde o capitalismo de vigilância adquire sua matéria prima, define uma nova forma de espacialidade e acumulação. Este se apropria das nossas experiências humanas, para serem traduzidas e aplicadas a modelos de treinamento de algoritmos para

³ David Harvey, “O neoliberalismo: história e implicações” (2014)

então lucrar ainda mais com as previsões de nossos comportamentos usando anúncios direcionados especialmente com este propósito.

O capitalismo de vigilância, segundo Zuboff, traz nossas experiências humanas para dentro da lógica do mercado através de dados pessoais, antes percebidos como residuais, dos usuários das plataformas digitais. Estes dados são processados por processos de machine learning (aprendizagem de máquina) e machine intelligence (inteligência de máquina) para serem traduzidos em dados comportamentais para serem comercializados no que ela chama de mercados de futuros comportamentais. Em um primeiro momento, o capitalismo de vigilância aplicava sua lógica de acumulação com intenções comerciais de prever o comportamento dos usuários, porém hoje vemos que esta lógica se desenvolve para buscar influenciar os comportamentos futuros de indivíduos e grupos, tanto no consumo quanto na política em si.

A princípio, esta lógica parece se aplicar apenas a anúncios direcionados: quando navegamos na internet, a maioria, senão todos os sites apresentam anúncios. Estes anúncios sempre têm alguma relação com nossos verdadeiros gostos; são diferentes dos anúncios na televisão, rádio ou outdoors, onde não necessariamente aquele produto nos diz respeito. Uma pessoa pode estar assistindo a uma novela das 21h na Globo, mas não ter dado nenhum indício de querer comprar um Tigo 5X da Hyundai, ou de sequer ser uma pessoa que possui habilitação para dirigir. No Facebook, por outro lado, esta pessoa que não é habilitada nunca verá um anúncio de um carro, pois o algoritmo que lhe direciona anúncios nesta plataforma sabe que ele ou ela não consome este produto. É mais provável que veja anúncios de aplicativos de carona – como Uber, 99 ou Easy Taxi –, ou de transportes alternativos como bicicletas, mas isto se ela for uma pessoa que apresenta disposições esportivas.

O capitalismo de vigilância não está limitado a anúncios de produtos online para moldar comportamentos mercadológicos online; esta lógica se estende para qualquer produto ligado à internet, como termostatos, geladeiras, lâmpadas etc., não apenas para nos fazer consumir algo, mas também para moldar nosso comportamento. Shoshana Zuboff destaca o exemplo do aplicativo Pokémon GO, que era um projeto da Google, que foi vendido pela Niantic para não ser um

“produto Google”, e sim um jogo inocente de uma pequena empresa. Pokémon GO é um jogo em realidade aumentada (AR), baseado no clássico RPG da Nintendo, onde as pessoas podem andar no mundo real e capturar criaturas virtuais. O clássico Pokémon é um dos jogos mais populares do mundo, e que vinha a cada lançamento proporcionando mais e mais interações online, então algo desta magnitude como a tecnologia AR foi muito bem recebida e antecipada pelos fãs. Acontece que o Pokémon GO apresenta também um item chamado “Lure Modules” (“módulos atrair”), que podem ser adquiridos na loja do jogo para aumentar o “Spawn rate” (taxa de aparecimento) de Pokémons no local onde são instalados. Isto proporcionou a donos de estabelecimentos comerciais a possibilidade de aumentar a frequência em seus negócios, instalando os Lure nos “Pokéstop” (“Poképaradas”) perto de seus estabelecimentos e, assim, aumentar o consumo físico no local.

O capitalismo de vigilância se aplica dentro da lógica neoliberal, que busca monetizar todas as esferas da existência, como argumenta Wendy Brown. O neoliberalismo tem se configurado, ao longo das três últimas décadas, como não apenas um processo produtivo, mas como uma forma de governança, onde todos são homo economicus. Esta lógica é danosa para a democracia – tomando os devidos cuidados com a definição do termo –, uma vez que o indivíduo não é mais um indivíduo em sua essência humana, mas sim na participação que ele ou ela tem na economia, e é isto que alimenta a lógica do capitalismo de vigilância.

Com este novo mercado apresentado pelo capitalismo de vigilância, surge uma nova forma de poder, que Zuboff define como instrumentarismo. O instrumentarismo é uma espécie de poder que surge com este racional neoliberal e com as capacidades do capitalismo de vigilância, de modo que a ideologia neoliberal pode atingir seu potencial máximo ao utilizar o aparato de vigilância e os meios de modificação comportamental para alcançar o princípio de ordem estendida que Hayek dizia ser necessária para o neoliberalismo.

Zuboff fala de um aparato tecnológico ubíquo do capitalismo de vigilância, que comercializa todo tipo de comportamento humano, e a mesma ubiquidade é atribuída por Brown à racionalidade econômica neoliberal. O instrumentarismo seria, então, o aparato mais completo do neoliberalismo. Cumprindo a função de decodificar as almas e, com isto, moldar comportamentos futuros, o capitalismo de

vigilância fornece um aparato sofisticado para a subversão das políticas democráticas em favor de uma racionalidade econômica. Esta racionalidade, assim como a ideologia do partido em regimes totalitários, requer o que Hayek chamou de “ordem estendida”, uma completa submissão individual e coletiva às disciplinas do livre-mercado. Da mesma forma, então, que os movimentos totalitários devem ser completamente submissos à ideologia de seu respectivo partido, o capitalismo de vigilância requer a total submissão à ideologia neoliberal.

Enquanto o totalitarismo busca o controle de todos os aspectos da vida de cada indivíduo, o poder instrumentário não busca o “controle das almas”, e sim a certeza total sobre estes aspectos para fins mercadológicos e os “meios de modificação comportamental. Segundo Zuboff,

“O totalitarismo foi uma transformação do Estado num projeto de posse total. O instrumentalismo e sua materialização no Grande Outro sinalizam a transformação do mercado num projeto de certeza total, uma empreitada que é inimaginável fora do meio digital e da lógica do capitalismo de vigilância.” (Zuboff, p. 40).

O instrumentalismo não utiliza um aparato de violência, e sim uma máquina de meios de modificação comportamental, predição, monetização e controle (Zuboff, p. 520). Enquanto o totalitarismo aposta em um aparato de “engenharia de almas”, através do controle dos meios de produção e de violência, o instrumentarismo, argumenta Zuboff, se apropria e instala meios de modificação comportamental para implantar uma “engenharia de comportamentos”, onde o produto não são mentes e corpos obedientes, e sim um mercado de total certeza de comportamentos futuros.

3. 1984 e Westworld

O totalitarismo esteve muito presente no imaginário popular do século XX como um medo constante, uma ameaça aos valores democráticos e à ordem neoliberal que emergia ao longo deste período. Dentre muitas, a obra “1984”, de George Orwell, foi a mais proeminente distopia sobre o assunto e a principal responsável por moldar a percepção sobre os regimes totalitários, principalmente

pelo termo “Big Brother”, o Grande Irmão, com seu aparato ubíquo de vigilância. O potencial tecnológico do Partido da obra de Orwell nunca chegou a se concretizar, nunca houve no mundo real um cenário onde os cidadãos eram completamente vigiados em todos os momentos de suas vidas por telas instaladas em todos os cômodos de suas casas, trabalho e comércio. No entanto, o aparato tecnológico do capitalismo de vigilância parece estar muito próximo de atingir este potencial.

Assim como o potencial máximo do totalitarismo foi imaginado por uma obra de ficção científica, o instrumentarianismo vem ganhando suas representações na cultura popular e sendo tema de ficção científica ao longo dos anos. A série *Westworld*, em especial, une todos os elementos descritos na sessão anterior sobre o instrumentarianismo e as capacidades do capitalismo de vigilância. Nesta sessão, serão contrastadas estas duas obras que expõem o caráter das espécies de poder que criticam.

3.1. O Grande Irmão de “1984”

Publicado em 1949, o romance narra a história de Winston Smith, um homem que vive em uma sociedade completamente vigiada por um partido único, chefiado por uma figura conhecida como o “Grande Irmão”. Nesta distopia, todos são vigiados a todo momento de suas vidas por um aparato de vigilância complexo e invasivo, por um sistema de telas (chamadas de “teletelas”) distribuídas não apenas nos espaços públicos, mas também nas casas das pessoas, com uma espécie de pôster com os escritos “O Grande Irmão está de olho em você”, e uma imagem do líder como “uma dessas pinturas realizadas de modo a que os olhos o acompanhem sempre que você se move” (p. 12). Além disto, o aparato institucional do governo contava com um “Ministério da Verdade”, onde os funcionários são encarregados de reescrever relatos do passado para se encaixarem no discurso do presente. Mas não apenas os fatos históricos são alterados, mas as datas também são questionáveis e a própria língua era constantemente reescrita para ser mais “simples” – a chamada “novalingua”. Os três slogans do Partido eram: “Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força.”.

O caráter de lealdade total do totalitarismo é muito presente na ficção de Orwell quando Winston, que está preso, se depara com um de seus colegas de trabalho na mesma cela que ele. Parsons, que era um homem muito devoto ao

partido, e se orgulhava de dizer o quão dedicados ele e seus filhos eram ao Grande Irmão. Por conta disto, Winston fica bastante surpreso ao se deparar com ele na prisão, pelo crime de “pensamento-crime”. Parsons teria falado “Abaixo o Grande Irmão!” enquanto dormia.

“-Você não acha que eles vão me fuzilar, meu velho, não é mesmo? Não fuzilam você se na verdade você não fez nada – se só teve pensamentos, que não tem como controlar? Sei que eles são justos. Ah, tenho certeza de que são justos! Conhecem minha ficha, não conhecem? Você sabe que tipo de sujeito eu era. Um bom sujeito, à minha moda. Não muito inteligente, claro, mas esperto. Tentei fazer o melhor que podia pelo Partido, não foi? Saio dessa em cinco anos, não acha? Ou quem sabe dez? Um cara como eu pode ser muito útil num campo de trabalhos forçados. Será que vão me matar por eu ter saído da linha uma única vez?’ ‘-Quem foi que denunciou você?’, indagou Winston. ‘-Foi minha filhinha’, disse Parsons com uma espécie de orgulho pesaroso. ‘-Ela ouviu pelo buraco da fechadura. Ouviu o que eu estava dizendo e no dia seguinte falou para a patrulha. Muito esperta, para uma moleca de sete anos, hem? Não guardo nenhum ressentimento por ela ter feito isso. Na verdade, estou orgulhoso dela. Se vê que recebeu uma boa educação em casa!’”

Nesta passagem, vemos um exemplo da dominação da alma do sujeito, Parsons, que não apenas concordava em ser culpado por supostamente ter falado em seu sonho, como também por ter orgulho de sua filha por tê-lo denunciado. Segundo Arendt, no totalitarismo, os membros do movimento “estará até disposto a colaborar com a própria condenação e tramar a própria sentença de morte, contanto que o seu status como membro do movimento permaneça intacto” (p. 436).

3.2. O Grande Outro em Westworld

Enquanto Orwell descrevia o poder totalitário do Big Brother, cujo objetivo era controlar a alma das pessoas através de um controle rigoroso sobre a privacidade e os meios de informação, esta realidade ficou restrita ao caráter ficcional. Pode-se argumentar que regimes totalitários existiram, como a Alemanha Nazista e a União Soviética, mas nem estas contaram com um aparato de vigilância tão sofisticado quanto o do Grande Irmão de Orwell. Enquanto o Grande Irmão representa uma metáfora central para o totalitarismo de Orwell, Shoshana Zuboff nomeia o “Grande Outro” (Big Other) para o instrumentarismo, e constitui o aparato do capitalismo de vigilância usados para os meios de modificação comportamental através de

processos algorítmicos sofisticados, e a forma como estas empresas de tecnologia sempre conseguem saber coisas sobre nós, seja por interações que nós realizamos ou pelos nosso círculo social em suas redes.

Enquanto o conceito de Grande Irmão nasce como um personagem em uma obra de ficção, o Grande Outro não é um personagem fictício de onde se formula uma teoria. O processo, neste caso, é inverso: podemos identificar um Grande Outro, mesmo que não intencional, em obras de ficção. A inteligência artificial HAL 9000, no filme *2001: Uma odisseia no espaço*”, por exemplo, é capaz de gerar estratégias e previsões com base no comportamento dos tripulantes de sua nave e, além de controlar todo o sistema interno da espaçonave, está presente em todos os lugares, observando os astronautas. Quando HAL começa a apresentar erros, ele argumenta que os erros só podem ser humanos, então, os dois astronautas entram em uma unidade extra veicular para conversar sem que HAL pudesse ouvir – mas ele consegue fazer leitura labial nos dois e começa a arquitetar sua destruição.

O enredo de muitas obras de ficção científica, senão da maioria, graças a *Frankenstein*, são sobre a revolta da criatura contra seu criador, e *Westworld* não é tão diferente. A diferença fundamental é que, na maioria das obras, a criatura se volta contra toda a humanidade ou com seu criador em específico, como é o caso de *Exterminador do futuro*, *2001: Uma odisseia no espaço*, *Blade Runner*, dentre outros. Em *Westworld*, talvez por causa do costume tradicional dos enredos envolvendo androides, temos a impressão de que a androide Dolores deseja exterminar a raça humana, quando na verdade ela deseja que os humanos recuperem o controle sobre sua vida e sua privacidade. Sua revolta contra seu criador não é sobre uma pessoa só ou a humanidade inteira, e sim sobre um conglomerado de pessoas que lucram com a experiência alheia.

A série *Westworld* vai ao ar pela HBO, criada pelos roteiristas Lisa Joy e Jonathan Nolan, trazendo uma ideia de vigilância que diverge do autoritarismo e se aproxima do poder instrumentário do capitalismo de vigilância problematizado por Zuboff. A série se passa numa espécie de parque de diversões onde os “anfitriões” (*hosts*) são uma espécie de androides idênticos aos seres humanos e os “convidados” são pessoas com muito poder aquisitivo que podem passar as férias no parque para ter uma experiência desta época do tema, com uma experiência

imersiva muito além do que conhecemos hoje com a realidade virtual e a realidade aumentada. Como a maioria das tramas de ficção científica, alguns destes hosts começam a criar consciência de sua realidade e querer se vingar dos visitantes do parque por conta das atrocidades que cometem em sua estadia ao querer extravasar todos os seus desejos mais perversos com a tranquilidade ética de saber que não estão cometendo tais crimes com seres humano. A diferença é que não vemos um herói pronto para salvar a raça humana, e sim o alto comando da corporação tentando recuperar os dados armazenados pelos hosts sobre os visitantes do parque.

Estes dados de comportamentos estão armazenados em um sistema central do parque, que é também responsável pelo treinamento das inteligências artificiais. Ao final da segunda temporada, a série mostra uma tentativa que o CEO da Delos (empresa responsável pelo parque), que tinha uma doença terminal, fez de recriar sua própria consciência em um host para se tornar “imortal”. O sistema, ao observar quantidades imensas de dados pessoais de Delos, e dos hóspedes do parque, percebe que as decisões tomadas por eles não são advindas da própria consciência, e sim levadas por estímulos externos. Aqui, a série mostra um potencial disruptivo da personalidade humana. Não podemos dizer que o sistema fictício encontrou as respostas sobre a natureza humana relativas ao livre arbítrio, mas o importante nesta passagem é o que o sistema *mostra* aos seus executivos, os capitalistas de vigilância.

Na cena seguinte, Logan conduz Dolores e Bernard a uma imensa biblioteca, onde todos os livros contêm nomes de pessoas que se hospedaram no parque. O conteúdo destes livros é um conjunto de dados pessoais captados pelo sistema e traduzidos em algoritmos comportamentais, como, Dolores define no episódio seguinte, uma “autobiografia não autorizada”. Esta é a cena crucial para entendermos os reais objetivos comerciais por traz do parque. Em resumo, o que se passa é que um entretenimento aparentemente “inocente”, que dá a possibilidade aos indivíduos de fazer coisas que não poderiam fazer no mundo real com pessoas reais, na verdade os induz a comportamentos específicos para traduzir a *alma* dos hóspedes e, desta forma, gerar dados comportamentais ainda mais complexos do que os que um algoritmo de mídias sociais poderia captar.

Na terceira temporada, que deve ser analisada primeiramente como um todo para então podermos citar algumas passagens específicas, ocorre um

aprofundamento do que acabamos de discutir, com elementos não tão fictícios. Até então, não tínhamos noção do estado da arte fora do parque, se Westworld era uma exceção ou se o mundo inteiro contava com aparatos tecnológicos tão avançados quanto; não tínhamos também qualquer noção sobre em que época se passava a trama: se era algo atual, mais próximo da nossa época, ou se encontraríamos um ambiente futurístico utópico como na animação Os Jetsons, algo menos agradável, como em Blade Runner, ou um cenário pós-apocalíptico, como em Mad Max. Ao final da segunda temporada, apenas sabemos que Dolores virá ao “nosso mundo”, fora do parque. Nos deparamos, entretanto, com um cenário mais próximo ao da série Black Mirror, onde não sabemos quantos anos a mais da nossa era, apenas sabemos que é um futuro não tão longínquo. É um futuro mais possível do que o que Stanley Kubrick ilustrou em 2001: Uma odisséia no espaço, em relação à expectativa da realidade, ou o que Blade Runner previa para o ano de 2019. As tecnologias que encontramos no mundo fora do parque existem na realidade, seja em funcionamento ou em protótipos que comprovadamente funcionam. Alguns exemplos são: veículos autônomos, realidade aumentada (AR) e realidade virtual (VR), gadgets “vestíveis” relógios e óculos inteligentes (como os Apple Watch e Google Glasses), aplicativos de pontuação social, e armazenamento em DNA humano.

O que pode parecer uma utopia tecnológica logo se apresenta como uma distopia neoliberal. Mas é uma distopia apenas para aqueles que percebem o caráter disruptivo destas tecnologias, que é mostrado por Dolores em sua relação com o personagem humano, Caleb Nichols, um veterano de guerra que trabalha em construções e realiza pequenos crimes para compor sua renda, e que constantemente mostra sua insatisfação com a falta de interação humana em seu cotidiano. Todos os aspectos importantes da vida de Caleb são decididos ou intermediados por algoritmos, desde sua sessão de terapia até seu futuro profissional. Por não ter uma boa pontuação social que o garanta um emprego melhor (no início da temporada, ele é um mestre de obras e seu único colega de trabalho é um robô), Caleb tem que recorrer a pequenos crimes, que são ofertados em um aplicativo que funciona como um Uber, Rappi ou iFood.

Todo este aparato ubíquo de vigilância, o Big Other, toma a forma de um sistema de computação quântica, chamado de Rehoboam, que armazena infinitos

bytes de dados sobre todas as pessoas. Ao longo da temporada, aprendemos que Rehoboam não apenas armazena estes dados para gerar propaganda e transações seguras; ele cria estratégias de convivência. Ele cria uma espécie de ordem em todas as relações humanas ao cuidadosamente manipular o futuro, baseado em previsões calculadas a partir da análise dos dados coletados pela Incite Inc., sua empresa responsável, e armazenados em seu sistema para que estratégias sejam calculadas. A precisão da capacidade de previsão do sistema é tal que Rehoboam é capaz até de prever quando, como e onde um indivíduo irá morrer. Dolores, que consegue ter acesso a estes dados, mostra a Caleb tal previsão, e diz a ele que o sistema previu que ele cometerá suicídio dentro de dez a doze anos no píer onde ele vai toda noite.

O sistema que precedeu Rehoboam, Solomon foi substituído por se mostrar imprevisível demais, e redesignado para a tarefa de rastrear “outliers” (pessoas que frequentemente desviam do padrão previsto por Rehoboam) através do aplicativo RICO (que Caleb usa para compor sua renda com pequenos crimes) e comandar outros outliers a caçá-los. Rehoboam e Solomon não são, no entanto, um ditador clássico como o Grande Irmão de Orwell; eles são completamente indiferentes à vida humana, e buscam apenas a ordem – a partir das estratégias que eles bolaram, é claro. A impressão que temos sobre Solomon, na verdade, é a de que os cenários que ele previa iam contra o ideal que os capitalistas da vigilância que o controlavam idealizaram. Rehoboam fora redesenhado, então, para bolar estratégias que fossem, a final, vantajosas para este grupo de poder.

4. O caráter não-ficcional

O livro de Zuboff poderia parecer algo como um enredo de ficção científica, e de fato seu livro anterior, “In the age of the smart machine”, precursor do “The age of surveillance capitalism”, fora considerado como uma obra de ficção científica no ano em que foi lançado. “1984”, no entanto, sempre volta a ser comparado com cenários atuais. No entanto, por mais que tivessem existido regimes totalitários, estes nunca apresentaram uma figura ditatorial que era capaz de penetrar na privacidade das pessoas com telas onipresentes; nunca existiu um Grande Irmão na vida real; o Grande Outro, por outro lado, existe.

As obras de ficção, muitas vezes abarcam características visionárias, que anos depois podem até ser realmente desenvolvidas. Alguns exemplos foram os tablets

e chamadas de vídeo apresentadas pela série *Star Trek* (1966), os outdoors digitais, inspirados pelo filme *Blade Runner* (1982), e até mesmo os desfibriladores, cuja primeira forma pode ser remetida ao romance *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Wollstonecraft-Shelley, lançado em 1818. Mas assim como estes gadgets e equipamentos revolucionários e inicialmente inofensivos, foram antecipados por obras de ficção, algumas de suas consequências também foram abordadas. Tecnologias como a inteligência artificial, os algoritmos de previsibilidade, os aparatos sofisticados de vigilância, podem ser identificadas em alguns exemplos.

Em *Frankenstein*⁴, a criatura criada por Viktor Frankenstein a partir de partes costuradas entre si de corpos de diferentes pessoas, e animado por uma descarga elétrica, é rejeitada por seu criador no momento de sua criação pelo tamanho horror que o causara. Largado à sua própria sorte, sem saber falar ou como sobreviver, a criatura vai aprendendo ao observar os seres humanos com quem encontra, observando-os de longe para não lhes causar a mesma reação que teve seu criador. Um método semelhante de aprendizagem é utilizado hoje por algoritmos de inteligência artificial, e denominado de *machine learning*, que é quando uma máquina aprende como deve se comportar e reagir. As duas principais formas de machine learning são a supervisionada e a não-supervisionada: a primeira é movida a tarefas (*task driven*), e tem como objetivo “prever o próximo valor”, sob a supervisão de cientistas de dados que vão “alimentando” o algoritmo com dados e um conjunto de treinamento para se obter um resultado predefinido; a segunda é movida a dados (*data driven*) com o objetivo de identificar grupos (*clusters*), sem um conjunto de treinamento com resultados previamente desconhecidos. No caso da criatura de Frankenstein, este aprende observando outras.

Um caso que ocorreu em 2016 envolvendo um “chatterbot” no Twitter criado pela Microsoft explicitou barreiras sociais que se deve atentar no que diz respeito à aprendizagem de máquinas sem supervisão. A IA chamada de Tay foi programada com aprendizagem não-supervisionada para moldar sua “personalidade”, ou a forma como interage, a partir de interações de internautas usuários da rede social. No entanto, vários usuários mal-intencionados começaram

⁴ SHELLEY, 2017.

a “alimentar” Tay com discursos de ódio, o que fez com que a IA se transformasse em uma IA racista, antissemita e misógina, e teve que ser deletado em menos de 16 horas desde sua criação⁵.

O caráter mais realista de Westworld não são os androides e o parque, e sim tudo o que está por trás destes e, principalmente, *quem* são e o que querem. Zuboff também explica que existe uma lógica de controle da divisão de aprendizagem no capitalismo de vigilância, dividida em: quem sabe, quem decide, e quem decide os que decidem. Em Westworld, os que sabem são representados pelos funcionários do parque, em especial os chefes-programadores; para Zuboff, é a máquina, e, na série, vamos descobrindo que estes funcionários são na verdade, na maioria dos personagens, hosts. Os que decidem são representados pelos capitalistas da vigilância, em especial a presidente da Incite, Charlotte Hale, e o empresário e cocriador do Rehoboam, Engarraud Serac. Hale é movida pela lógica de acumulação do capital, buscando sempre o maior sigilo possível sobre as operações de mineração de dados. A Incite é responsável por vender os dados que alimentam Rehoboam, enquanto Serac, o idealizador deste sistema, representa o mercado de certeza total. Serac não faz nada sem consultar Rehoboam, como se fosse um oráculo; no último capítulo da terceira temporada, a host Maeve descobre que tudo o que Serac fala é transmitido por Rehoboam em um fone de ouvido, pois o empresário não deseja dizer nada que seja “fora do roteiro” e acabe causando interferências nas estratégias do sistema.

Os criadores da série disseram, em entrevista⁶, que todas as tecnologias presentes na terceira temporada ou já existem ou são protótipos reais de empresas reais, inclusive o sistema de crédito social de indivíduos⁷. As pessoas possuem uma espécie de pontuação atribuída por Rehoboam, e que é acessada por empresas para decidir sobre a contratação ou não de um funcionário. Caleb possui uma baixa pontuação, então não consegue empregos formais, tendo sempre que recorrer ao aplicativo RICO para caçar os outliers; é uma demonstração de como o algoritmo pode controlar a vida das pessoas e tomar decisões por elas.

⁵ (BECHMANN; BOWKER, 2019)

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=iqHgPmqcL7s>

⁷ NAUGHTON, John, **China is taking digital control of its people to chilling lengths**, the Guardian, disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/may/27/china-taking-digital-control-of-its-people-to-unprecedented-and-chilling-lengths>>

5. Considerações finais

O totalitarismo e o instrumentarismo não podem ser equiparados; contudo é leviano ignorar o potencial disruptivo de ambos. Assim como o totalitarismo, o instrumentarismo tem um caráter sem precedentes, e quando casos de vazamentos de dados, mineração de dados pessoais em redes sociais, ou qualquer outro episódio realizado por empresas vêm à tona, são imaginados cenários como os de “1984”, que representa uma forma de poder completamente distinta. Por isso, analogias com obras de ficção onde não é o Estado o responsável pela vigilância, e sim um conglomerado de empresas, como em *Westworld*, são importantes para criar uma concepção comum sobre os riscos destas atividades.

6. Bibliografia

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. ISBN 978-85-359-2204-2.

BECHMANN, A.; BOWKER, G. C. Unsupervised by any other name: Hidden layers of knowledge production in artificial intelligence on social media. **Big Data & Society**, v. 6, n. 1, p. 1–11, 2019.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos**: Neoliberalism’s stealth revolution. 1. ed. New York: Zone Books, 2015.

CADWALLADR, C. **“I made Steve Bannon’s psychological warfare tool”: meet the data war whistleblower**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/data-war-whistleblower-christopher-wylie-faceook-nix-bannon-trump>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

GREENWALD, G.; EWEN MACASKILL; POITRAS, L. **Edward Snowden: the whistleblower behind the NSA surveillance revelations**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jun/09/edward-snowden-nsa-whistleblower-surveillance>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: História e implicações. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ORWELL, George. **1984**. 23. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ISBN 978-85-359-1484-9.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. 1ª ed. São Paulo: Via Leitura, 2017.

WARNER BROS. ENTERTAINMENT. Westworld | Behind The Scenes Season 3: Vehicles of the Future | Warner Bros. Entertainment. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iqHgPmqcL7s>>. Acesso em: 7 Dec. 2021.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. 1. ed. London: Profile Books, 2019.